

A infanta D. Beatriz, duqueza de Saboya

I

A historia, na galeria severa, onde colloca os retratos dos personagens que representaram um papel importante na scena dos acontecimentos, e principalmente d'aquelles a quem o acaso do nascimento impoz a difficil tarefa da soberania, reserva uma ou outra moldura engrinaldada de rosas para certos vultos femininos, suaves e luminosos, que passaram, como sonhos de poetas, por entre as figuras graves ou sinistras que se agitavam n'essas confusas tragedias que em todos os tempos formaram a historia politica da humanidade. A luz que esses vultos derramam illumina as profundezas mysteriosas da chronica, o sorriso que lhes entreabre os labios de coral desanuvia a fronte do pensador que analysa tristemente os vicios e as más paixões do seculo em que essas creaturas quasi ideaes nasceram. Em torno d'ellas pullulam os doces poemas de amor, como em torno da rosa as borboletas; a tradição envolve-as, doidejante, nos seus véos de gaze; o romance brota-lhes naturalmente debaixo dos pés, como brotavam os jasmins no tapete de relva pisado pelas fadas dos contos orientaes. É tal a sua magia que apaixona a mesma posteridade; namora-se d'ellas o erudito, o philosopho absolve-as dos seus meigos peccados de amor, e o historiador severo, por mais que tente cerrar os olhos a essa luz, os ouvidos a essa voz de sereia, que vibra, ainda melodiosa, através dos seculos, não resiste ao encantamento, e deixa viçar a tradição legendaria das formosas por entre o marmore do seu edificio laboriosamente construido, como flor inoffensiva que não faz senão perfumar a austeridade da narração.

Foi no seculo XVI, seculo tão agitado pelas convulsões do mundo moderno recem-nascido, que desabrocharam á sombra dos varios thronos da Europa essas violetas rescendentes. A umas arrancou-as do seu doce abrigo a torrente dos acontecimentos politicos, e levou-as, como as flores pallidas de Ophelia, ao oceano sombrio da desventura; outras viçaram tranquillas, festejadas pelo rouxinol das balseiras, que a final se finava *cançado de trovar saudades*, em quanto ellas transplantadas iam florescer n'um solio. Áquellas o meigo romance da madrugada transformava-se-lhes no drama agitado das revoluções; as outras deixavam esvair-se, talvez com um suspiro, o sonho transparente do alvorecer, e, entrando na vida prosaica e real, cumpriam fielmente os seus deveres de esposas e de mães. Umas caminham envolvidas, como Maria Stuart, na tunica resplendente da poesia até ao cadafalso, que pune como crime as fraquezas, e que para a posteridade enternecida transforma em coroa de martyr a frivola grinalda de ridentes rosas; outras, como Beatriz de Portugal, apparecem um instante no firmamento da historia, lucidas e suaves como as estrellas da manhã, e entram na sombra quando surge o dia azafamado, não sem deixarem uma doce impressão na mente do scismador que as viu passar aureoladas de poesia.

Então, quando a belleza era uma religião, o enxame louco dos trovadores e dos artistas volteava naturalmente em torno d'esses idolos que lhes inflammavam a phantasia, e que em paga muitas vezes das suas adorações recebiam a immortalidade. Vemol-as agora através das nuvens de incenso, e parecem-nos mil vezes mais bellas do que realmente o seriam. Os seus doces nomes, vibrando na lyra dos poetas, foram despertando de seculo a seculo milhares de echos melo-

diosos. Os apaixonados Orpheus transformaram-lhes os palacios em Olympos, e em torno da purpura régia fizeram fluctuar a tunica transparente e vaporosa das deusas; deram-lhes uma corôa de estrellas; as estrophes dos seus poemas foram as pombas arrulhadoras do carro ovante em que essas risonhas Venus appareceram aos olhos da posteridade. Eleonora d'Este, Beatriz de Portugal, Maria Stuart, Margarida de Valois e quantas outras! são a pleiade luminosa que nos deslumbra, debruçando-se, frementes de voluptuosidade ou timidas e pensativas, no limiar doirado d'esse seculo XVI, seculo de amor e de poesia, de lucta e de revolta, mas em todos os seus aspectos, fulgidos ou sombrios, palpitantes de vida e de enthusiasmo.

II

Antes que passemos adiante cumpre que démos o nosso parecer sobre a questão principal que se liga ao nome de Beatriz. Devemos considerar como um episodio da sua vida o amor de Bernardim Ribeiro, ou devemos tomal-o apenas como um gracioso romance que a tradição fez desabrochar em torno d'esse vulto gentil, tendendo assim a completar com os resplandores da poesia a irradiação d'aquella scintillante formosura?

Uns pintam-nos Bernardim Ribeiro como um trovador loucamente enamorado, que se fina quasi de angustia vendo fugir-lhe para os braços de outro a mulher a quem adora, acordando com os seus queixumes os echos das montanhas de Cintra, como outr'ora o Amadis de Gaula, ou como depois D. Quixote, esses dois espelhos de cavallaria. Completam o romance vestindo a Bernardim Ribeiro a opa de peregrino, e enviando-o a mendigar um ultimo olhar de amor á porta do palacio ducal de Turim. Outros, pelo contrario, affirmam que Bernardim Ribeiro só pranteava amores ficticios nas horas vagas, e que, fóra d'esses momentos de ocio consagrados ao alaúde, sabia perfeitamente occupar-se dos seus negocios, e governar a capitania de Mina sem que os rebates do coração perturbassem os calculos do mercador ou as providencias do commandante. Fazem-n'o uns celibatario teimoso, guardando uma fé inviolavel á régia dama dos seus pensamentos; outros dão-n'o simplesmente como casado, viuvo, pae de filhos, escrevendo para desfastio a *Menina e moça*, ou talvez para ganhar alguns vintens com que acudisse ás despezas domesticas.

Escolham entre esses dois typos tão contradictorios aquelle que mais verdadeiro lhes parecer, e, conforme for a escolha, assim o vulto de D. Beatriz se illuminará de um rosado reflexo de poesia, ou entrará na sombra onde se agitam as individualidades que não merecem acordar a attenção dos vindouros.

Parece-me que n'este ponto da historia, como em quasi tudo, está a verdade no meio termo; que devemos collocar-nos entre a poetica tradição e a negação absoluta e fria com que alguns criticos modernos a rejeitaram, como se as tradições podessem nascer de um jacto da imaginação popular, em vez de serem as variações phantasiosas com que se vae desfigurando através dos seculos o thema singelo que os factos proporcionam.

É certo que, lendo as obras de Bernardim Ribeiro, n'ellas a cada passo deparâmos vestigios incontestaveis de um amor infeliz, amor que a phantasia do poeta se aprouve naturalmente em florear, mas que transparece ainda assim, claro e palpitante, por entre o arrendado matiz das suas eclogas melancolicas, e da teia tão enredada, e ás vezes tão graciosa, d'esse romance de cavallaria que nós conhecemos pelo nome de *Menina e moça*.

As saudades da ausencia de um ente querido; os obstaculos que se oppõem a que dois corações namorados se unam nos laços bemditos de um amor venturoso; a melancolia constante d'esses cavalleiros e d'essas donzellas que tanto folgam em ver correr as aguas palreiras do riacho, que segredam tristezas ás folhas das arvores debruçadas sobre a corrente, e que ouvem as confidencias do rouxinol que desfia as perolas do seu canto poisado na ramaria, tudo se encontra a cada momento n'esse formoso livro, transição entre o romance de cavallaria e o romance pastoril, mais repassado de affectos do que abundante de proezas, ainda que estas não faltam. Mudam os heroes, mas a fabula é a mesma, com pouquissimas variações. Sempre amores infelizes formam a trama dos diversos enredos que se entrecruzam na *Menina e moça*. Os amores de Bimnarder e de Aonia, os de Avalor e Arima, sempre terminam com a partida da mulher amada, e só um amor perfeitamente secundario, o de Tasbião e Romarisa, é coroado no fim do romance pelo casamento, que ambos ardentemente desejam. Vê-se que a imagem do proprio destino persegue constantemente o poeta, e que, pungido pela desventura, tambem só desventuras sabe cantar.

O thema do romance logo no principio é expresso nas palavras d'onde saíu o titulo do livro: «Menina e moça me levaram de casa de meu pae para longes terras; qual fosse então a causa d'aquella minha levada, era pequena, não n'a soube.» D'ahi vem o scismar da donzella, a quem a historia é contada por uma dona junto da agua corrente, ao passo que um rouxinol suspira nos ramos, e de cançado definha e cae desfallecido no limpido cristal. Depois vem as diversas narrações que formam o enredo, e nos amores de Aonia e Bimnarder parece mais claramente reflectirem-se os mallogrados amores do poeta e da princeza. Bimnarder é o transparente anagramma de Bernardim; Aonia, que ao seu amor corresponde, é obrigada por seu cunhado Lamentor a casar com outro poderoso cavalleiro, Fileno ou Orphileno. Em Lamentor, que assim dispõe do destino de Aonia, encontrâmos o pouco disfarçado anagramma de Manuel [1], apenas com o augmento de um *t* e de um *r*. Se Aonia traduz antes o nome de Joanna do que o de Beatriz, devemos n'isso ver o cuidado em não tornar a fabula de todo transparente.

Casa, pois, Aonia com Fileno, e Bimnarder julga a perjura porque a vê passar em luzida cavalgada ao lado de seu esposo, radiante e risonha. Não era assim, comtudo; e no peito da gentil menina sobrevivia o affecto. Sabe-o Bimnarder, e procura ir encontrar-se com ella; mas no caminho morre n'uma d'aquellas pelejas que brotavam a cada momento debaixo dos pés dos cavalleiros andantes.

Mudam-se as scenas, e temos novos amores: os de Avalor e Arima. Era esta dama do paço, e Avalor, namorado d'ella, outra coisa não via no mundo. Arima não desdenhava esse amor; porém alguns obstaculos (inexplicaveis se, fazendo dama do paço a sua heroina, o auctor no seu pensamento não lhe tivesse attribuido uma gerarchia mais elevada) fazem com que a gentil senhora não ouse mostrar-se rendida, nem Avalor declare o seu intimo affecto. Só os olhos fallam, mas tão expressiva linguagem, que as outras damas entre si murmuram e sorriem. Uma vez, n'uma sala, Avalor tão enlevado estava em contemplar a senhora dos seus pensamentos, que deu uma grande quéda. Logo uma dama, *sua grande amiga*, diz o auctor, *lhe mandou por um pagem perguntar de que tão alto caíra que fizera tamanho estrondo; respondeu Avalor que do seu cuidado.* É transparente a malicia da dama, e não é de certo a uma sua amiga qualquer que se refere quando pergunta a Avalor de que sitio tão alto cae. Altas deviam ser, com effeito, as aspirações do cavalleiro, que não ousa declaral-as a

[1] El-rei D. Manuel, pae da infanta requestada.

quem se mostraria lisongeada com o seu rendimento. Ainda mais; Arima, desconsolada por ver que eram conhecidos ou suspeitados os amores do seu discreto cavalleiro, ausenta-se do paço, e Avalor sae atraz d'ella, mas sem conseguir encontral-a. Isto fez elle apesar dos conselhos da tal dama sua grande amiga, que lhe dissera o seguinte:

«O que vos a vós cumpre não posso eu leixar de dizer-vos ainda que vos d'isto peze; porque esta só differença tem a nossa amizade das outras; olhar eu mais o que vos cumpre que o que vos apraz. Isto que vós agora quereis negar sabem-no já lá todas estas senhoras; e por isso vos perdôo eu só quererdes-vos encobrir de mim; pois assim o quizestes, ou não quizestes ter em segredo: mas isto ainda não é nada para o que vos eu quero dizer. Contam que então se chegou ella á orelha de Avalor, e o que lhe disse ou não disse não se soube então.»

Nem o auctor o chega nunca a dizer. Este mysterio em que toda esta aventura se envolve; este segredo conservado ácerca de amores purissimos, de que sempre, e muito principalmente em romances de cavallaria, as damas se ufanam e os cavalleiros se vangloriam; esta separação de Arima, que nunca mais apparece a Avalor senão em sonhos; a nevoa que páira sobre o destino do cavalleiro; tudo isto parece realmente encobrir com um véo de gaze a historia dos seus proprios amores, que salteia constantemente a imaginação de Bernardim.

É d'este Avalor mysterioso que reza o soláo que elle intercala no seu romance, e que Garrett suppõe composto quando a infanta partiu para Saboya. O solão é feito n'esse estilo popular dos romanceiros hespanhoes e portuguezes; algumas das estrophes são verdadeiramente deliciosas, e o tom mysterioso de todas ellas, a tristeza profunda e vaga que em todos os versos circula, dão-lhe inexprimivel encanto. Citaremos algumas das quadras onde essas qualidades mais transparecem:

«Pela ribeira de um rio,
Que leva as aguas ao mar,
Vae o triste do Avalor,
Não sabe se ha de tornar.

«*As aguas levam seu bem*,
Elle leva o seu pezar,
E só vae sem companhia,
Que os seus fôra elle leixar.

«Que frias eram as aguas,
Quem as haverá de passar?
Dos outros barcos respondem:
Quem as haverá de passar?

«Senão quem a vontade poz
Onde a não póde tirar;
Trala barca levam olhos
Quanto o dia dá logar.

. . . .

«A noite era calada
Para mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.

«Querer contar suas mágoas
Seria areias contar,
Quanto mais se ia alongando,
Se ia alongando o soar.»

Todos os versos de Bernardim Ribeiro são impregnados n'este vago perfume de tristeza, que é caracteristico da nossa poesia, é verdade, mas que só n'elle encontrou a sua mais completa expressão. Era verdadeiramente um scismador, que se embebia longas horas n'um conversar com os rouxinoes e as aguas, em que se lhe ia a alma enlevada, e em que as saudades lhe acudiam naturalmente ao coração.

O livro da *Menina e moça* colhe uma grande parte do seu encanto d'esse mesmo mysterio em que se envolve; o amor de D. Beatriz doira as brumas do pensamento do poeta, como o sol doira as nuvens que procuram escondel-o. O doce vulto da infanta, presentido sempre, nunca revelado, passa a cada instante por entre essas paginas muitas vezes obscuras e, illumina-as com suavissima irradiação.

Podiamos accumular as provas, tiradas das restantes obras de Bernardim Ribeiro; podiamos citar a ecloga em que são interlocutores Persio e Fauno, e em que ainda os amores do primeiro com uma pastora que se partiu para longes terras formam o assumpto dos versos bucolicos; podiamos trazer a campo a ecloga de Sylvestre e Amador, em que tambem aquelle mysteriosamente se queixa de umas saudades de amor, que o trazem afflicto, e em que diz para o seu companheiro, que egualmente se queixa de namorado mal:

«Se tu soubesses o meu
A osadas, Amador,
Que tu callasses o teu,
Que tanto é mór a dor,
Quanto é mór quem n'a deu.»

Podia citar de novo o romance que vem na ecloga em que são interlocutores Ribeiro e Agrestes, e que Garrett transcreveu no vol. III do seu *Romanceiro* com o titulo de *Cuidado e desejo;* mas basta essa rapida analyse da *Menina e moça* para mostrar que não foi tradição phantasiada o amor de Bernardim, e que mais ou menos intenso, mais ou menos correspondido, foi a inspiração constante e mysteriosa da sua musa. «Amor de poeta, póde-se dizer, amor vago e semi-ideal, que lhe servia de pretexto para engenhar melancolicas trovas e traduzir em linguagem melodiosa os sonhos da sua phantasia.» É possivel; comtudo, sempre observarei que poucas poesias ha que pareçam brotar tanto do fundo da alma como as de Bernardim Ribeiro. «Nenhum poeta portuguez, diz Garrett [1], escreveu tanto com o sangue do seu coração.»

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

EXTRAORDINARIA PHILAUCIA DE ALGUNS HOMENS DE GENIO OU DE GRANDE TALENTO

Ninguem dirá que brilham pela modestia as seguintes expressões de Horacio:

«Hei de entoar canticos maravilhosos, novos, quaes outra nenhuma boca proferiu jámais [2].»

«Os meus accentos nada terão de terrestre, de humilde, de mortal [3].»

«Puz o remate a um monumento mais solido que o bronze, mais grandioso que as pyramides dos reis... Não hei de ir todo á sepultura: a mais nobre parte de mim proprio ha de triumphar da parca; e por tanto tempo, quanto ao lado do pontifice subir ao Capitolio a silenciosa vestal, irá sempre crescendo a minha gloria [4]!»

Voltaire dizia, com a mais desmedida philaucia:

1 *Romanceiro*, vol. III, pag. 175.

2 *Dicam insigne, recens, adhuc*
Indictum ore alio. . . . .
Liv. III, ode XXV.

3 *Nil parvum, aut humili modo,*
Nil mortale loquar. . . . .
Idem.

4 *Exegi monumentum ære perennius,*
. . . .
Non omnis moriar, multaque pars mei
Vitabit Libitinam. . . . .
Liv. III, ode XXX.

«Crêdes acaso que tivesse Jesus Christo mais vivo engenho do que eu?» *(Croyez-vous que Jesus Christ eût plus d'esprit que moi?)*

Rousseau, nas famosas *Confissões*, emprazando todos os homens para o tribunal do Superior Juiz, desafia cada um d'elles a dizer: «Eu... fui melhor do que este homem!» *(Je fus meilleur que cet homme-là!)*

Houve quem perguntasse ao Tasso qual era, no seu conceito, o maior poeta da Italia; e o Tasso respondeu enfadado: «Que o Ariosto era o segundo.»

Um escriptor judicioso fez a proposito d'este dito a seguinte ponderação: «O amor da gloria foi sempre entre os poetas um sentimento muito irascivel.»

Perguntaram um dia a Schlegel quaes eram os escriptores contemporaneos (allemães) que poderiam servir de modelo em quanto a estilo. Schlegel respondeu: «Tieck e eu.»

Aulu-Gellio, nas *Noites Atticas*, traz os epitaphios que dois poetas romanos de grande renome compozeram para serem gravados nos seus proprios tumulos.

O primeiro epitaphio é o de Cn. Nævio:

Mortalis immortalis flere si foret fas,
Flerent divæ Camænæ Nævium poetam.
Itaque postquam est Orcino traditus thesauro,
Oblit(e)i sunt Romæ loquier latina lingua.

«Se licito fosse que os immortaes chorassem os mortos, por certo as divinas Camenas chorariam o poeta Nævio. Desde que elle desceu ás profundezas do Orco, já em Roma se perdeu o uso da lingua latina.»

Aulu-Gelio observa que este epitaphio, não obstante revelar uma vaidade sem par, seria bem cabido, se outra pessoa, que não o proprio interessado, o houvesse composto.

O segundo é do celebre Plauto, e dizia assim:

Postquam morte datu'st Plautus, comædia luget;
Scena est deserta. Dein Risus Ludu', Jocusque,
Et numeri innumeri simul omnes collacrumarunt.

«Desde que a morte arrebatou Plauto, a comedia desfaz-se em pranto; a scena é um ermo. O riso, os jogos, o folguedo e a poesia do metro livre derramam lagrimas sobre o seu tumulo [1].»

Por esta occasião cita o mesmo Aulu-Gelio um epitaphio que o poeta Pacuvio compoz egualmente para si proprio. Singular contraste! Este ultimo torna-se meritorio pela modestia do compositor e pela elegante gravidade *(verecundissimum et purissimum, dignum que ejus elegantissima gravitate)*.

Eil-o aqui:

Adolescens tametsi properas, hoc te saxum rogat,
Ut (e)i ad se aspicias: deinde quod scriptum 'st legas.
Hic sunt poetæ Pacuvi(e)i Marc(e)i sita
Ossa. Hoc volebam, nescius ne esses. Vale.

«Mancebo que vás passando, aproxima-te, por maior pressa que tenhas; este marmore te chama: olha e lê: Aqui repoisam os ossos do poeta Marco Pacuvio. Não quiz que ignorasses isto. Adeus!»

Não está esgotado o assumpto. A elle voltaremos opportunamente.

José Silvestre Ribeiro.

ILHA DE RHODES

PALACIO DOS GRÃO-MESTRES DA ORDEM DO HOSPITAL OU DE S. JOÃO DE JERUSALEM

Proximo da costa da Anatolia ergue-se do seio do mar uma ilha com 80 kilometros de comprimento, 30 na sua maior largura, e 225 de circunferencia. Visinha da Asia, e a pouca distancia da Africa e da Europa; possuidora de um terreno fertilissimo; bafejada por saluberrimos ares; vivificada, em fim, por um sol resplandecente, sob o influxo do qual crescem, vigoram e fructificam arvores e plantas de regiões e climas diversos, essa ilha tem em si as condições mais essenciaes para a sua prosperidade.

Para comprovar esta verdade não era preciso recorrer á sua descripção topographica; bastava apontar para a sua historia. Desde a mais remota antiguidade até ao seculo XVI, a sua posse foi disputada em porfiosas luctas por muitos e differentes conquistadores. Poucas terras, no correr de tantos seculos, terão sido theatro de tão sanguinolentas batalhas e de tão heroicos feitos como o solo d'esta ilha.

No tempo em que Roma dominava vaidosa o mundo antigo, os habitantes d'aquella ilha por vezes prestaram soccorro aos romanos, em momentos de angustia para estes orgulhosos conquistadores.

Começaram os seus fastos militares com o famoso cêrco que lhe poz Demetrio Poliorceto, 285 annos antes da era christã; famoso pela obstinação e furia dos ataques, e pela valorosa defensa da praça. A este primeiro assedio seguiram-se muitos outros, que deram grande celebridade á ilha.

Chegou, porém, uma epocha de tamanha gloria para essa terra, que toda a Europa tinha n'ella fixas as suas vistas, seguindo com entranhada anciedade todas as phases da sua vida guerreira. Abriu essa epocha memoravel o estabelecimento da ordem de cavallaria de S. João de Jerusalem n'aquella ilha, nos principios do seculo XIV, reinando em Portugal el-rei D. Diniz.

Os annaes da ordem e da ilha tornaram-se então communs; e, graças á alliança dos corajosos ilhéos com os esforçados cavalleiros de S. João, cada pagina que o tempo volvia consignava uma victoria para as armas christãs contra o islamismo, então de fronte alçada e ameaçadora.

Durante o longo periodo de dois seculos foi esta ilha o baluarte inexpugnavel da christandade, contra o qual se quebravam impotentes as meias luas musulmanas.

Porém a tal ponto chegou de grandeza e poder o imperio ottomano, que o numero conseguiu alfim triumphar do valor. No anno de 1523, Solimão I, a quem a posteridade deu o epitheto de *grande* pelas muitas victorias que alcançou, foi pôr cêrco á cidade capital d'aquella ilha com uma armada poderosissima.

O sultão julgou tão importante esta empreza, que não confiou dos seus generaes o commando e direcção d'ella. Quiz elle proprio ver e dirigir tudo. Ordenou o desembarque das tropas, dispoz o cêrco em torno da capital e commandou os assaltos.

Os habitantes e os cavalleiros de S. João de Jerusalem, capitaneados pelo grão-mestre da ordem, *Villiers de l'ile Adam*, fizeram prodigios de valor. Mas foram baldadas todas as suas gentilezas d'armas. De nada valeram o seu esforço e intrepidez, nem as grossas muralhas e alterosas torres da praça, contra tão formidavel inimigo. Ao cabo de seis mezes de assedio e de repetidos e vigorosissimos ataques das forças de mar e de terra, em que os sitiados perderam muitos milhares de homens, foi a cidade obrigada a render-se, e o crescente de Mafoma substituiu nas torres e cupulas das egrejas a crúz de Jesus Christo.

Estremeceu a Europa ao saber que se alluíra aquelle dique potente, que por tão dilatados annos embargára o passo á ambição musulmana. Mas, passada a primeira impressão de terror, em breve se esqueceu dos serviços que lhe prestára aquella cidadella erguida no meio dos mares. E hoje mal se recorda do seu nome, do nome glorioso de *Rhodes*, que refulgiu na historia cercado de uma aureola tão brilhante, e que ao presente, designando uma ilha e uma cidade em misera

1 A. Gellii — *Noctium Atticarum Commentarius*, liv. I, cap. XXIV.

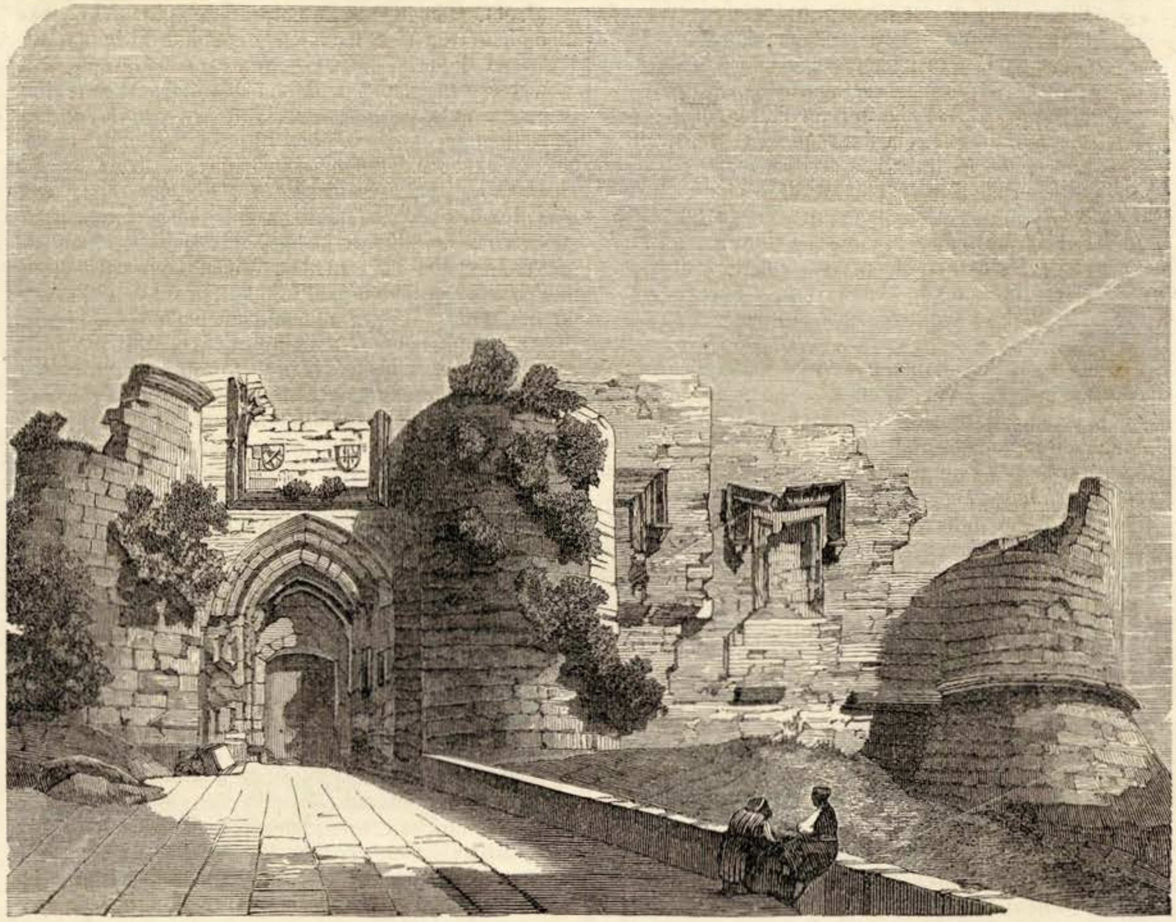
e extrema decadencia, commemora apenas extinctas glorias e passadas grandezas!

Porém d'esse poder e d'esses esplendores d'outr'ora ainda conserva a cidade de Rhodes muitos vestigios e importantes monumentos.

A pag. 229 do vol. v acharão os nossos leitores a gravura que mostra as ruinas de um magnifico edificio que foi quartel militar. Agora offerecemos-lhes a que representa o portal que dava entrada para o palacio dos grão-mestres da ordem de S. João de Jerusalem.

Levanta-se este edificio na parte mais alta da cidade, e proximo da antiga cathedral de S. João. São dois padrões sumptuosos do poderio e riqueza da ordem. O primeiro, obra do grão-mestre *Helion de Villeneuve*, cujo brazão d'armas avulta no portal, foi preservado de total ruina por ter sido aproveitado para hospital militar, e tambem em diversas occasiões para prisão de estado. Porém o serviço aviltante a que o condemnaram foi causa de que o mutilassem e deturpassem exterior e interiormente. Livrou-se o segundo de cair em ruinas por meio de ainda mais triste degradação. Profanaram-n'o e converteram-n'o os turcos em mesquita. Mas, por uma singularidade do destino, conservaram-lhe a sua invocação christã, como a de Santa Sophia foi conservada á antiga basilica de Bysancio.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Portal que dava entrada para o palacio dos grão-mestres da ordem de S. João de Jerusalem

ONDE NASCEU LUIZ DE CAMÕES?

Lemos com summo interesse, em o *Archivo Pittoresco*, uns artigos ácerca de Luiz de Camões, devidos á elegante penna do sr. E. A. Vidal.

Ahi, quanto á terra da naturalidade do grande poeta, reproduz e perfilha o sr. Vidal uma opinião, que já haviamos tambem lido na *Bibliotheca Portugueza*, e sobre a qual haviamos feito nosso reparo.

Quando se trata de homem tamanho como foi o auctor dos *Lusiadas*, não parecerá de certo ociosa qualquer discussão que se encaminhe a illucidar um ponto da sua biographia. Dizem que sete cidades da Grecia disputaram o berço de Homero. O cantor das glorias portuguezas, nada inferior ao cantor de Ulysses, merece bem que a historia procure averiguar-lhe o logar do nascimento antes de proferir uma sentença definitiva, que adjudique a esta ou áquella terra a gloria de ter ouvido os primeiros vagidos do homem cuja voz altisonante devia encher depois o universo inteiro.

Esta consideração nos leva a fazer algumas reflexões sobre a alludida passagem do primoroso artigo do sr. Vidal. Que o illustre escriptor as tome apenas como filhas do interesse que temos em que se esclareça uma circunstancia duvidosa da vida do nosso poeta, e de nenhuma maneira como inspiradas pela veleidade de ostentar erudição, e de entrar em um torneio litterario com um contendor cuja superioridade reconhecemos.

Diz o sr. Vidal: «Quanto á terra da sua naturalidade (de Camões), ainda ao presente continuam as incertezas; eu, porém, com os editores da *Bibliotheca Portugueza*, estou que o mais claro e irrefragavel documento sobre qual a terra que lhe deu o berço é o que elle proprio nos deixou no soneto C:

«Criou-me Portugal na verde e chara
Patria minha Alemquer..........»

«A declaração não soffre dúvida. Creio que o poeta, embora na sua vida não tirasse nunca certidão de ba-

ptismo, havia de saber de sciencia certa a terra em que fôra nascido. N'isto fico mais por elle do que pelos biographos.»

A declaração, com effeito, não soffreria a minima dúvida, se n'este soneto C o poeta fallasse da sua propria pessoa.

É exactamente, porém, isto o que não acontece. O soneto em questão não é mais do que uma especie de prosopopêa, em que Camões apresenta o *soldado de Alemquer* (provavelmente algum seu amigo e companheiro d'armas) narrando a sua curta e desditosa vida.

O soneto, na sua integra, claramente mostra que n'elle o poeta não fallava de si mesmo.

Eil-o:

«No mundo poucos annos e cançados
Vivi, cheio de vil miseria e dura;
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustros acabados.
Corri terras e mares apartados,
Buscando á vida algum remedio ou cura;
Mas aquillo que, em fim, não dá ventura,
Não o dão os trabalhos arriscados.
Criou-me Portugal na verde e chara
Patria minha Alemquer; mas ar corrupto,
Que n'este meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes, em ti, bruto
Mar, que bates a Abassia fera e avara,
Tão longe da ditosa patria minha.»

Depois de se ler attentamente este soneto fica-se necessariamente convencido de que não é de si proprio que o poeta falla. O final do primeiro terceto e todo o segundo não deixam mesmo logar para uma discussão séria sobre este ponto. O individuo nascido na *verde e chara Alemquer* morreu e foi sepultado nos mares da Abassia. Não podia ser Camões.

Se querem pedir ao poeta que lhes diga o logar do seu nascimento, elle lhes responderá na elegia I, em que se compára ao

«Sulmonense Ovidio desterrado,
De sua patria os olhos apartando.»

Os biographos de Camões são concordes em que esta elegia foi composta andando o poeta desterrado de Lisboa. Assim se deprehende, com effeito dos seguintes versos:

«D'aqui me vou com passo carregado
A um outeiro erguido, e alli me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.
. . . .
Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando,
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
. . . .
D'alli fallo co'a agua, que não sente,
Com cujo sentimento est'alma sae
Em lagrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas, esperae,
Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae;
Até que venha aquelle alegre dia,
Que eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo quem o passaria?

Se portanto o poeta, que, como Ovidio, se vê *dos seus penates apartado*, é para Lisboa que dirige todos os seus anceios, por que nos não será licito inferir d'ahi o ser Lisboa a sua terra natal?

Apoia-se ainda esta opinião no testimunho de Manuel Corrêa, contemporaneo de Camões, o qual, no *Comment. á est.* I *do* 1.º *canto dos Lusiadas*, o diz «criado e nascido na cidade de Lisboa»; e tambem no documento descoberto por Faria e Sousa, que é a lista dos individuos que em 1550 iam embarcar para a India, em que se lê o seguinte: «Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, *moradores em Lisboa*, á Mouraria, escudeiro de 25 annos, de barba ruiva; trouxe por fiador a seu pae; vae na nau de *S. Pedro dos Burgalezes*.»

Não diremos que este documento tira todas as dúvidas sobre a naturalidade de Camões; pois bem podia elle residir com seus paes em Lisboa ao tempo do seu alistamento para a India, sem comtudo haver nascido n'esta cidade. Mas um tal documento, que isolado nada prova, se se combinar com as declarações do poeta em a supra citada elegia, com o testimunho de Manuel Corrêa e de Faria de Sousa [1], e com uma tradição quasi geral, dá, pelo menos, a maior verosimilhança á opinião de haver sido lisbonense o immortal cantor de Vasco da Gama.

Accresce mais que nenhuma das outras terras que disputam a Lisboa esta gloria tem a seu favor tão bons fundamentos. O sabio bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, na sua bem trabalhada *Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões*, depois de expender os motivos em que se funda para suppor o poeta filho de Lisboa, accrescenta: «Nem sei na verdade que haja melhor fundamento para dizer que Camões era natural de Santarem ou de Coimbra, do que uma conjectura assentada na noticia de elle residir algum tempo em Coimbra, e ser alli morador e sepultado seu bisavô; e de ser Anna de Sá e Macedo (sua mãe) de honradas familias de Santarem: fundamento evidentemente tão fragil, que só poderá receber alguma consistencia da grande escuridade da historia do poeta.»

Eis o que nos occorre dizer sobre o assumpto do presente artigo. Que as tres rivaes — Lisboa, Coimbra e Santarem — continuem embora a disputar entre si o berço do grande poeta; a quarta — Alemquer — não tem de certo direito nem fundamento algum para entrar na liça.

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 329)

XII

O CASTELLO DOS TEMPLARIOS

Quando pensâmos na importancia que tiveram n'este reino as ordens de cavallaria do Templo e de Christo; quando considerâmos nos distinctos serviços que ambas prestaram ao paiz, concorrendo activa e poderosamente para o engrandecimento do seu solo e para a glorificação do seu nome; quando, em fim, attentâmos em que os annaes d'estas duas milicias estão estreitamente unidos e entrelaçados com os da monarchia, e que, durante o longo espaço de mais de quatro seculos, constituiram muitos dos capitulos mais gloriosos da historia de Portugal, não podêmos deixar de reconhecer a insufficiencia do quadro em que pretendemos esboçar tão vasto e grandioso assumpto.

Todavia, se attendermos ás dimensões d'este semanário, e se reflectirmos na sua indole e no seu programma, que o obrigam á maior variedade possivel de materias; se olharmos, por um lado, para o adiantamento em que vae este volume, e, por outro lado, para o muito que ha para dizer sobre os monumentos d'essas duas celebres ordens de cavallaria, forçoso será confessarmos que fomos demasiadamente proli-

[1] Manuel de Faria, na 1.ª edição da vida do poeta, dando conta das opiniões que havia sobre a terra natal d'elle, declara-se por Santarem; mas na 2.ª muda de parecer, e faz Camões natural de Lisboa. A elegia que citámos no texto, e que na *Bibliotheca portugueza* é a I, em outras edições é a III.

xos, ou, pelo menos, que passámos muito além dos limites que nos eram impostos, não só pelas conveniencias do jornal, mas tambem pelas boas regras tanto da litteratura como da architectura, pois que ambas determinam que em qualquer obra ou planta se guardem justas proporções entre as diversas partes que a compõem.

Tendo sacrificado, portanto, a descripção do monumento á historia das instituições que o tiveram por séde, vemo-nos agora obrigados a restringir o nosso discurso em uma parte importantissima, qual é a que diz respeito ao estudo das artes, principalmente da architectura, de que o mesmo monumento apresenta mui differentes e notaveis typos. Porém, como aquelles edificios encerram muitos specimens de arte interessantes e valiosos, dos quaes não podémos obter, por em quanto, photographias ou desenhos, teremos occasião para o diante de voltarmos ao assumpto com mais vagar, offerecendo ao mesmo tempo aos nossos assignantes novas gravuras de tão singular monumento.

O castello de D. Gualdim Paes, sem embargo das ruinas que se observam em muitas das suas partes, deixa ajuizar com exactidão da sua fórma primitiva. Não repetiremos aqui o que dissemos a pag. 185 ácerca da sua situação. Além d'isso, tambem os nossos leitores podem fazer uma idéa d'ella á vista das gravuras publicadas a pag. 41, 185 e 249, as quaes representam esta antiquissima fortaleza, a primeira do lado do norte, onde está a cavalleiro da cidade de Thomar; a segunda do lado de léste, por onde correm as suas duas cêrcas de muralhas; e a terceira do mesmo lado, fazendo continuação á segunda, e mostrando por baixo da egreja, e da casa, não acabada, do capitulo, o angulo occidental da primeira cêrca de muros [1].

No cimo do monte ergue-se a alcaçova ou cidadella, edificada sobre rocha, formando um quadrilongo de mui altas muralhas ameiadas, flanqueadas de suas torres, dominadas pela grande torre de menagem, quadrada e com sua coroa de ameias, a qual se levanta do centro da mesma alcaçova a uma altura muito superior ás torres e muralhas que a circundam. Toda esta fabrica é da construcção primitiva, á excepção das ameias da torre de menagem e de algumas poucas mais que ainda conserva, as quaes mostram evidentemente, na cruz de Christo que em cada uma d'ellas está aberta, ser obra dos cavalleiros de Christo. A acção corrosiva do tempo tem-lhe ennegrecido e carcomido a cantaria; comtudo, poucos estragos patenteia exteriormente em relação a uma existencia de 707 annos, o que prova a solidez da construcção. Na disposição interior dos aposentos tem bastante ruina, e é difficil subir ao pavimento superior, que era dividido em differentes casas com janellas, como se póde ver nas gravuras mencionadas. A alcaçova é ainda ao presente propriedade do estado.

A primeira cêrca d'esta fortaleza consta de altos pannos de muralha, guarnecidos a espaços irregulares de torres mais elevadas, umas redondas, outras quadrangulares, tudo de cantaria, hoje em muitas partes occulta debaixo do reboco e das camadas de cal. Abria-se n'esta cêrca, e ainda alli se conhece o logar da celebre *porta do Sangue*, junto da qual, durante o cêrco posto ao castello pelo imperador de Marrocos em 1190, houve um renhido combate, de que saíram vencedores os templarios, ficando desde então aquella porta a denominar-se *do Sangue*, pelo muito que alli se derramou. Em tempo dos freires de Christo foi esta cêrca reparada e em grande parte caiada. Cingiram-se as torres com ameias, ou porque já não existissem as primitivas, ou porque quizeram substituil-as com as novas ameias ornadas com a cruz de Christo. E como não houvesse no paiz moiros para combater, transformaram em mirantes e casas de regalo o interior de algumas torres d'esta cêrca. Em uma d'ellas, mais espaçosa, rasgaram-lhe uma esbelta janella, no estilo gothico, com sua delgada columna no meio, e da qual se desfructa o formosissimo e pittoresco panorama da cidade de Thomar, do Nabão com as suas margens assombradas de copado arvoredo, dos prados extensos e viçosos que o rio vae cortando, e de muitas e aprazíveis collinas e montes, que, em mais ou menos dilatado horisonte, fazem moldura a tão encantador painel. Tomou esta torre o nome da rainha D. Catharina, que ainda conserva, em memoria da predilecção que por ella tinha esta soberana, indo alli recrear-se a miudo no tempo em que residiu nos visinhos paços do infante D. Henrique.

O terreno comprehendido dentro das cêrcas do castello foi aproveitado pelos freires de Christo para a plantação de pomares de laranja, que, ainda não ha muitos annos, eram magnificos pela corpulencia, espessura e viço das arvores; mas que a terrivel molestia das laranjeiras destruiu quasi de todo. Estes terrenos, pertencentes actualmente ao sr. conde de Thomar, acham-se novamente plantados de pomares de laranja e outras frutas.

A entrada para o castello fica do lado do norte, por baixo da alcaçova, e sobranceiro á cidade, com a qual se communica por uma calçada em zigue-zagues, muito ingreme, que vae desembocar, por detraz dos paços do concelho, na praça principal de Thomar. Estende-se esta junto á raiz do monte do castello, e servem-lhe de adorno, além da casa da camara, grande edificio construido por el-rei D. Manuel, a egreja parochial de S. João Baptista, bello templo gothico, obra do mesmo soberano [1], e o antigo pelourinho, com sua cercadura de arvores.

No topo da calçada está um arco de cantaria com passadiço por cima, e que se apoia, de um lado, na rocha que serve de base á alcaçova, e do outro em um lanço de muralha em que principia a cêrca exterior. Este arco vê-se na gravura a pag. 41. Era, sem dúvida, a primeira porta do castello, e deveria ter o competente fosso e ponte levadiça. Dá passagem á continuação da mesma calçada, ou, diremos melhor, a um largo corredor que, por entre as altas muralhas da cêrca e da alcaçova, conduz á porta da fortaleza. Entra-se por esta para um comprido terreiro, ao presente plantado de pomar. Logo á direita está a alcaçova e o portal que lhe dá ingresso. Seguem-se a esta, do mesmo lado, umas casas com dois pavimentos em estado de ruina: o terreo, com a abobada sustentada por numerosas columnas de pedra; e o primeiro andar, em cuja frontaria se contam umas quatorze ou quinze janellas. Eram os paços do infante D. Henrique, duque de Vizeu, por elle fundades para sua residencia, e nos quaes habitou por algum tempo a rainha D. Catharina, depois de enviuvar del-rei D. João III, sendo regente na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião. Por este motivo ficou-lhes o titulo de *paços da rainha D. Catharina*. Este edificio foi reconstruido, talvez, sob o governo d'esta princeza, que administrou a ordem de Christo em nome do seu neto, o joven rei e grão-mestre. O andar nobre, principalmente, mostra pela sua construcção ser obra da segunda metade do seculo XVI. Não tem na sua fachada decoração alguma, nem signal que revele a nobreza do seu destino d'outr'ora. Na gravura a pag. 185 está representado este edificio, que ainda é do estado.

Do terreiro acima referido passa-se ao adro da egreja, subindo uma larga escadaria de pedra.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] A primeira d'aquellas gravuras é cópia de um excellente desenho original do nosso desenhador Barbosa Lima, roubado pela morte, na flor da vida, ás lides artisticas do *Archivo Pittoresco*. As outras duas gravuras são cópias de uma grande e excellente photographia do sr. Fillon.

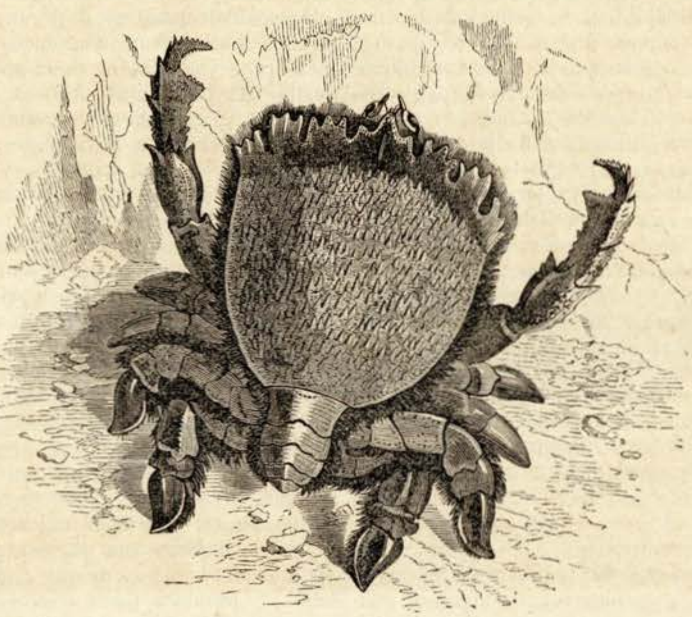
[1] Vid. pag. 81 do vol. III.

RANINA DENTADA

Este animal crustaceo está classificado por Lamarck na familia dos brachiuros e na ordem dos décapodas. Linneo denominou-o *cancer raninus;* porém, presentemente, a sciencia adoptou o nome de *ranina dentata*, que lhe foi dado por Latreille.

Similhante aos caranguejos, cobre-lhe o corpo uma especie de concha, solida, rija e arqueada, com a fórma de um escudo quasi triangular, coberto de tuberculos, pequenos, estreitos e agudos, e tendo as bordas guarnecidas como de dentes de uma serra, mas em certa distancia uns dos outros. D'aqui lhe vem o sobrenome de *dentata*, ou *serrata*, como a alguns naturalistas parece mais adequado. Termina a concha em um esporão ou cauda composta de varias laminas ou placas da mesma materia que a concha. Na estructura interior, e na da boca, olhos, antennas e pernas, é muito parecido, salvas algumas modificações, com o caranguejo commum. Tem, como este, um par de tesoiras ou torquezes egualmente orladas de dentes, as quaes lhe servem de arma agressiva e defensiva, e tambem de mãos para agarrar o alimento e leval-o á boca. Tem n'ellas uma força extraordinaria, que não está em harmonia com a pequenez do animal. Tem mais quatro pares de pernas, deseguaes no feitio e no tamanho, sendo dois pares ponteagudas e mais curtas, e terminando as outras em patas, que se assimilham um pouco ao ferro de uma lança. A sua côr é ruiva, mais carregada em umas partes, e mais clara n'outras.

É esta especie a unica existente até agora conhecida, pois que se conhece uma fossil chamada *ranina aldrovandi:* aquella vive nos mares da India; divaga tambem pelas praias e até chega a trepar ás choupanas dos pescadores. Encontra-se em grande quantidade em quasi toda a costa da nossa provincia de Moçambique, e tambem na ilha de França.



Ranina dentada

Alimenta-se de materias animaes, accommettendo e devorando os molluscos e peixes pequeninos, que não lhe podem resistir, e lançando-se com extraordinaria avidez sobre qualquer animal morto que ande a boiar no mar ou que as ondas depositem na praia. E tal é a sua voracidade, que não se limita a estas faceis prezas. Sem embargo da sua pequenez, a ranina tem valor e arrojo para maiores commettimentos. Confiada na couraça que lhe resguarda o corpo, nas tesoiras e espinhos com que a natureza lhe completou a armadura guerreira, e, em fim, no seu grande vigor muscular, investe com animaes marinhos incomparavelmente maiores, combate com elles em lucta encarniçada e tenaz, e, quando não consegue vencel-os, nunca abandona o campo da batalha sem levar por trophéo algum despojo do inimigo.

Determinou, porém, a Providencia que a taes oppressores soasse a hora, em periodos certos, de tremerem diante dos opprimidos. Essa hora terrivel é a que marca, uma vez por anno, a muda d'essa formidavel armadura, que tanta confiança e audacia lhes dá.

Chegada a epocha em que os crustaceos são forçados a largar o involucro solido que os abriga e protege, ao cabo de muitas dores, ás vezes mortaes, a ranina depõe, a seu pezar, as armas que a faziam forte. Vendo-se quasi em carne viva, pois que apenas lh'a cobre uma tenue pellicula, e assim exposta ás injurias do tempo e aos ataques do mais fraco e miseravel dos seus inimigos, vae enterrar-se na areia, e ahi procura occultar-se em quanto a secreção calcarea, que de si lança, lhe fórma nova concha. Não leva muito tempo a realisar-se esta operação, pois que a pellicula, que a perdida concha deixou a descoberto, endurece e solidifica-se em poucos dias, formando-se, no curto praso de uma semana, tão rija e forte como aquella que substituiu.

É durante esse periodo que a ranina fica á mercê dos seus inimigos. Se estes lhe descobrem o esconderijo são infalliveis as represalias, facil e dura a vingança. Esse pequeno, mas atrevidissimo salteador, é victima indefesa do primeiro adversario que o descobre, qualquer que seja o seu tamanho e a sua força.

Por este modo morrem annualmente muitas raninas. E se escapam d'este perigo ainda correm outro, qual é o de serem arrancadas da areia pelas ondas, quando o mar está revolto, e logo em seguida laceradas e feitas pedaços contra as rochas. Porém, se conseguem chegar incolumes ao fim d'aquelle curto praso, eil-as novamente habilitadas para recomeçarem a sua vida aventurosa e guerreira.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio